Master Negative Storage Number

OCI00048.36

Neves, F.M.P.

Vida e proezas de um vagabundo

Rio de Janeiro

1876

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCl00048.36

Control Number: BCH-3041
OCLC Number : 07451071
Call Number : W 381.5698 P8383 no. 5
Author : Neves, F. M. P.
Title : Vida e proezas de um vagabundo / por F.M.P.N.
Imprint : Rio de Janeiro : Livraria de A.T. de Castro Dias, 1876.
Format : 16 p. ; 20 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Subject : Chapbooks, Brazilian.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9-29-94
Camera Operator: CS

VIDA E PROEZAS

DE

UM VAGABUNDO

POR

F. M. P. N.

Rio de Janeiro

Livraria de A. T. de Castro Dias, Editor

154 Rua das Violas 154

1876

AO LEITOR

Apresento aqui uma pequena obra, escripta em verso, para ser lida por todos aquelles que amantes das Lettras, desejão nas horas vagas dar expansão aos seus linitivos.

A presente obra encerra em si o quanto soffreu um minino que entregando-se desde sua infancia a vadiação, tornou-se tão vicioso, os quaes vicios o fizerão caminhar na triste e lamentavel estrada do infortunio! Porém, depois resignado, abraçou uma outra vida cheia de esperanças, vaticinando um brilhante futuro, coadjuvado pelo trabalho, a unica arma com a qual se castiga o vicio, e a miseria!

Eis aqui, portanto caro leitor a pequena obra a qual intitulei: **« Vida e proezas de um vagabundo »**

O Leitor ajuizará na sua consciencia qual o prestimo, e estima que entre a nossa sociedade goza um vagabundo! e depois lhe fará o juizo que bem lhe aprouver.

Sou de V. S.

Com toda a consideração e respeito

O EDITOR

VIDA DE UM VAGABUNDO

Com doze annos d'idade,
N'esta quadra tão risonha;
Andava nesta cidade,
Um minino sem vergonha!

Não quiz seguir o officio,
Que aprendendo já estava;
No deboche e no vicio,
O seu viver entregava!

Foge da casa do mestre,
Sem lhe dar satisfação;
E vai viver pelas ruas,
Na maior vadiação!

Mas, não tendo o que comer,
O minino viu-se em talas;
Arranjou um taboleiro,
Começou a vender ballas.

Quatro annos foi vivendo,
Mettido na garotagem;
E às vezes mal comendo
Porém sempre com coragem!

Um dia jogando a chapa,
Elle com outros mais;
D'um soldado, não escapa,
Foi preso para os Navaes!

Ardiloso e muito fino,
Não quiz lá gritar-alerta!
N'um bello dia, o minino,
Da companhia dezerta!..

Metteu pernas a caminho,
E ninguem lhe pôz a pista;
Como era bom no fadinho,
Tornou-se em breve fadista!

Começou a namorar,
E p'ra isso tinha veia;
Tendo tudo sem faltar,
Almoço, jantar e ceia!

Nesta tão bôa vidinha,
O menino se entregou;
E mais tarde começou
A jogar a vermelhinha!

Tirando pouco proveito,
Deixou o jogo por mão;
E conheceu ter mais geito,
De larapio, ou de ladrão!

Tantas fez, que foi um dia,
Mettido na correição;
Para ver se se esquecia,
De tanta vadiação!

Trez mezes morou de graça,
Nem sol, nem chuva apanhou!
E quazi assentando praça,
Mesmo assim não se emendou!

Tornou a ser agarrado,
Para um termo assignar;
Para viver socegado,
E um trabalho procurar.

Anda atráz delle a policia,
E o faz andar espantado;
Esperando hora propicia,
Para ser mui bem guardado.

Aborrecido da vida,
Desgostozo, desta vez;
N'uma sorte já perdida,
Entrega-se á embreaguez!

Relaxado e sem vergonha,
Não achando mais abrigo;
Do vicio immunda peçonha,
Fel-o no mundo mendigo!!..

Dous annos esteve prezo,
Sempre desfiando estôpa;
E tratado com desprezo,
Passando mal e sem roupa...

No asylo onde se achava,
Sem amigos, sem dinheiro;
A sua vida contava,
A um outro companheiro!

« Se eu tivesse recebido,
« Melhor educação;
« Não estava aqui mettido,
« Sem abrigo e protecção!

Encontrou o vagabundo,
Um outro da mesma escala;
Com pezar o mais profundo,
Desta maneira lhe falla:

« Amigo, eu te vou expôr,
« Os tormentos que passei;
« Com doze annos d'idade,
« Vagando principiei!

« Vendi ballas e jornaes,
« Jogador, até ladrão;
« Fui preso para os navaes,
« E tambem p'ra correição!

« Entreguei-me a embriaguez,
« Be[illegible] [illegible]on[illegible]antemente
« De manhã d'uma só vez,
« Um martello de agua-ardente!

« Amei com gosto o descanso,
« Nada tinha em que pensar;
« E assim nesse balanço,
« Levava a vagabundar!

« Pelas portas me deitava;
« Com sól, com chuva e vento;
« E muitas noites passava,
« Dormindo alí ao relento!

« De dia dava um passeio,
« Pela Praça do Mercado;
« Muito embora fosse feio,
« Por allí sempre encostado.

« Apanhava uma laranja,
« Para sua agua chupar;
« Tudo isso eu fazia,
Por allí a passear.

« As vezes, bem bôa ponta,
« De charuto da Bahia;
« Fazia a cabeça tonta,
« E passar bem mal o dia!

« Andei sempre mal trajado,
« Passeando na cidade;
« Vivi bem acostumado,
« Na minha ociosidade!

« Illudi a muita gente,
« Deste Rio de Janeiro;
« Me fingindo de doente,
« Assim ganhava dinheiro.

« Com uma posta de carne,
« Que nas pernas collocava;
« Pelas ruas esmollando,
« Bôas patacas ganhava!

« Quando aberta, a chaga estava
« P'ra todos bem saliente;
« Ainda mais eu ganhava,
« O dinheiro desta gente!

«A's vezes tambem roubava,
«As botas do companheiro;
« E tambem quando encontrava
« No seu bolso algum dinhe[illegible]

« Porém hoje m'arrependo,
« Desejava melhorar;
« Para não ser conhecido,
« Por ahi sem trabalhar!

Quando o nosso vagabundo
Acabou a narração;
De lhe contar bem a fundo,
A sua vadiação:

....

O companheiro lhe disse
Estar bastante pesarozo;
Que um pouco tambem ouvisse,
O quanto foi desditoso!

« Não te lembras meu collega
« O que á pouco proferiste;
« Não teres no mundo abrigo,
« Quando ao teu mestre fugiste?

« Pois, olha bem te conheço,
« E bem sabes quem sou eu;
« Talvez que não te recordes,
« Quem comtigo já viveu?

« Não te lembras certo dia,
« Dia de vadiação;
« Que todos dous á porfia,
« Fomos ter á correição!

« Pois fui eu quem te illudi,
« E tudo por amizade;
« Por isso te reconheci
« E te confesso a verdade:

O vagabundo com transporte,
Abraçou o companheiro;
Meu collega;- lhe diz elle,
« Sou e serei Brazileiro.

« Eu tambem soffri bastante,
« O meu collega, (nem sonha)
« Ladrão, jogador tratante
« Emfim... perdi a vergonha!

Eu tambem aqui estou,
Diz o outro vagabundo;
« Já sabes pois o que sou,
« E o que fui neste mundo!

« Eu sou Portuguez, (não nego)
« O berço do nascimento;
« Neste mundo errante e cego,
« O trago no pensamento!

« Quantas vezes na lembrança
« Me lembro a Patria querida;
« Quando ainda tão criança,
« Fiz a minha despedida!

O Brazileiro lhe responde,
Cauzando bastante graça;
« Vamos nós entrar p'ra os bonds
« Ou então assentar praça?

« Nada, nada diz o outro,
« Antes quero ser bombeiro;
« O teo negocio está torto,
« Vamos nós ser azeit....

Nesta vida, o Vagabundo,
E' um homem sem abrigo;
Mas encontra neste mundo,
Outro vagabundo amigo!

Assim foi que os vagabundos.
A sua vida contavão;
Passando fomes, e immundos!
De tudo se recordavão.

Depois de terem fallado,
Um ao outro reprovar;
Fizerão novo tratado,
Para ambos trabalhar.

Por verem o vil estado,
Que ião seguindo além;
O Vagabundo relaxado
Se tornou homem de bem!

Juntou-se com seo amigo,
A quem conheceu a fundo;
Tambem encontrando abrigo,
Neste pobre vagabundo

O alvará obtiverão
De soltura e liberdade
E para rua vierão,
Trabalhar e com vontade!...

. . . .

Cada um para seo lado,
Forão seguindo contentes;
Jurando serem honrados,
Nos seus empregos decentes.

Ficou solto o Vagabundo
Para, lá não mais entrar;
E rogando á Deos no mundo
Melhor sorte prosperar...

Um emprego procurava
Para ganhar o seo pão;
Para longe desprezava,
Antiga vadiação

Custou muito, mais achou,
Um emprego menos mal;
De mais nada se lembrou,
Nem mesmo da Capital.

Trabalhava sem ter medo,
Da policia, e a vergonha;
Acordava muito cêdo,
Não fazia carantonha!

Satisfeito, foi vivendo,
E tambem muito contente;
Sempre em paz, e maldizendo;
Sua vida antecedente.

De sua vida passada.
Não mais queria saber,
Por ser tão amofinada
Na desgraça, e no soffrer:

Trabalhou constantemente,
E com força de vontade;
Tornou-se rapaz decente.
Na nossa sociedade!

O trabalho elogiou,
E'ra sua obrigação.
Sempre todos respeitou,
Depois da vadiação!

Do Marqnez de Maricá,
D'um vulto tão iminente;
Tanto aqui, como acolá,
Um d'outro estava auzente,

Agora posso dormir,
E ninguem me encommodar;
Outra vida, vou seguir,
Vou deixar de mendigar.

Eu, ainda nesse mundo.
Desejo ser bem feliz;
Muito embora Vagabundo,
Fosse agora, o que não quiz,

No emprego em que estava,
Por pedido, e por capricho,
Dia, e noite trabalhava,
E'ra empregado no lixo,

Assim elle, e o collega,
Sempre alegre, e zombeteiro;
Feliz vida, vão passando
Neste Rio de Janeiro!

Tendo cumprido o fadario,
Sempre com muita coragem;
Neste mundo adversario,
Seguirei minha romagem!

Quando a morte m'roubar,
Os meus dias neste mundo;
Sempre m'heide lembrar,
O que foi, um vagabundo.

Lamentando sua sorte,
Estava pois a tua espera;
Tu, bem sabes quem sou eu,
Eu, não sou quem d'antes, era,

Foi por mim, foi pela sorte,
Dizia elle chorando;
« Que antes de sua morte,
« Fossem feliz mendigando

Já não era o Vagabundo,
O Vagabundo d'outr'ora;
Já não era neste mundo,
Desprezado e posto fóra!

Já dormia em boa cama,
Agasalhado do frio;
E não dormia na lama
Já não era mais vadio.

Eu julguei ser bem feliz
Mesmo assim sem trabalhar;
A sorte, ainda não quiz
Minha vida melhorar!

« Vivi errante, no mundo,
« Sem abrigo de ninguem;
« Me chamavão Vagabundo.
« Que por ahi vivia alem!

« Minha vida, foi um sonho,
« Imaginado e composto;
« Entre a dôr, e o desgosto,
« Vivo pensando tristonho!

« Quantas vezes m'recorda
« O passado neste mundo;
« Quando infeliz vagabundo,
« Fui no mundo desgraçado!

« Minh'vida foi outr'ora
« Cheia de angustias, e dôres;
« Soffrendo mil dissabores,
« Feliz vou passando agora.

« Depois de tantos tormentos
« Mal dormido sem comer;
« Saberei reconhecer
« Tão venturosos momentos!

« Saberei com puro amor,
« Ajuizar o meu passado;
« Saberei bem humilhado,
« Respeitar meu Salvador;

Desprezou o Vagabundo,
Aquella vadiação;
Que seguia neste mundo
Sem abrigo, e protecção!

Ambos forão trabalhar,
Com honra e dignidade;
E assim abandonar
Maldita ociosidade!

Nova vida teve então,
O Vagabundo Portuguez;
Deixou a vadiação,
E deixou-a por uma vez!

O Vagabundo Brazileiro,
Jurou tambem trabalhar;
Deixou de ser azeit....
E não quiz mais vadiar!

Assim foi, que dous vadios,
Punidos pela Justiça;
Tiverão vergonha, e brios,
E deixarão a preguiça!

Um do outro, separado,
Procurarão trabalhar;
Sem ter medo, e socegado,
Seo coração sempre estar.

. . . .

Do Marquez de Maricá,
Bôas lições aprenderão;
Na bôa vida, e na má,
Differença conhecerão!

«Segue o caminho direito:
«Ganharás honra e proveito.
«Se do risco não te afastas,
«O tempo em queixas mal gastas

«Sem virtude a sciencia humana
« E' como uma fragil canna,
« Quem desterra a ociosidade,
« Trata o vicio sem piedade,
« A virtude que arremeda,
« O vicio, é falça moeda.

« Não desprezeis os conselhos,
« Dos homens sabios e velhos.
« Se juizo e prudencia tens,
« Precizas bem poucos bens.

« A virtude é um thesouro,
« Mais permanente que o ouro.
« Se o ocio te cauza tedio,
« O trabalho é bom remedio.

— MORALIDADE —

Do Marquez, honrado velho,
Estas lições decorarão;
E'ra qual o Evangelho,
As palavras que abracarão!

Nunca pode o vagabundo,
Ser ajudado por Deus!
E jamais póde no mundo,
Ser util a sí e aos seus!

E' inutil a sociedade,
Na terra não tem amigos;
Vivendo na ociosidade,
Vai habitar com os mendigos!

Sempre foi o vagabundo
Uma pobre creatura;
Não fazendo neste mundo
Entre os mais bôa figura...

E' bem triste o seu futuro,
Morre além... sem uma luz!
Atirado n'um monturo...
Nem sequer tem uma Cruz!

Estragou a mocidade,
Não a poude desfructar;
Maldicta ociosidade,
Não a deixou caminhar!

No abysmo e na desgraça,
Caminhava o vagabundo;
Na infame e torpe raça,
Que se vê por todo mundo!

Abundão pela cidade,
Vagabundos mais de mil;
Fallando a pura verdade,
Temos muitos no Brazil!..

Mas, agora, felizmente,
Um asylo vão fazer;
Para dar ao indigente,
Cama, roupa e o que comer...

A idéa foi brilhante,
N'uma grande capital;
Temos fé que vá avante!
Uma obra sem igual!

A Europa nos ensina,
Caminhar com ufania;
E assim nos illumina,
Suas luzes, cada dia!

Um logar apropriado,
Para o pobre descansar;
Mais que seja bem tratado,
E deixe de mendigar!

Tivemos uma velhinha,
Que bons cobres ajuntou;
Que outra vida não tinha,
Sempre, sempre, mendigou...

E depois casando a filha,
Que com ella sempre andava;
Tornou a pôr a mantilha,
E nas ruas mendigava!

Não é máu o tal negocio,
Sem precizar capital;
Bôa vida e santo ocio,
Outro assim não á igual!

Temos uma immensa tropa
Pelas ruas, pelos cantos;
Que revistidos de ópa,
Pedem p'ra sí e p'ra os santos!

Tambem ajuntão dinheiro,
Pagão caza, vivem bem;
Neste Rio de Janeiro,
Pobreza extrema;— não tem!

Assim vão passando a vida,
Sem honra, brio e vergonha;
Com a palavra fingida,
Nos labios a voz risonha!

Sofre tudo, porque quer.
Ganha pouco, a culpa é sua;
Trabalhos;— nada fazer,
Gosta mais de andar na rua!

Aqui pede e allí chora,
Para poder arranjar;
O dinheiro e vai embora,
Outros cobres empalmar!

....

O menino vagabundo,
Teve mais conhecimento;
Perigrinou neste mundo,
Mais depois ganhou alento!

Empregou-se em bôa casa,
Teve juizo e vergonha;
Teve nome, foi honrado,
Longe lançou a peçonha!

A' preguiça acostumado,
Estava seu corpo constante;
Neste viver relaxado,
Do malandro e mendigante!

Caprichou, teve juizo,
Vergonha, honra e brio;
Tudo isso foi precizo,
Para não ser mais vadio!

Foi feliz, foi estimado,
Até mesmo do Patrão;
Por ver que tinha deixado,
Aquella vadiação!

Porque, se continuasse,
Andar por ahi atôa;
Para todos era olhado,
Como ordinaria pessôa!...

Viveu feliz trabalhando,
Ganhou dinheiro e amigos;
E jamais se recordando,
Do Asylo dos Mendigos!

Acordava, e muito cedo,
Com vontade trabalhava;
E tambem para seus parentes,
Algum dinheiro mandava!

Depois de bem conhecido,
Deu-lhe vontade casar;
Por ser da moça quirido,
A quem estava a namorar!

Uma carta lhe escreveo,
Em signal de amisade;
Fazendo ver a paixão,
Que tinha pela deidade!

No fim da carta se lia
Esta quadra, bem antiga;—
Que ao som de bôa viola,
E' bem popular cantiga:

« O que sou, e o que não sou,
« Quem quizer julgue de mim;
« Eu sou tudo, e não sou nada,
« Gosto bem de ser assim!

Finalmente o Vagabundo,
Com tal geito namorou;
Que em breve com a moça,
O Vagabundo;—casou!

Honrado, e trabalhador,
Se tornou o Vagabundo;
Com amor o mais profundo,
Tinha-lhe a mulher, amor!

Com o suor do seo rosto,
Ganhava o pão e sustento;
Assim vivia com gosto,
No maior contentamento!

Foi trabalhar na Alfandega,
N'uma das Capatazias;
Assim fugindo as orgias,
Não quiz mais andar na pandega

Considerou que devia,
Um trabalho procurar;
Para ganhar sua vida,
Porem não a malandriar!

Estava bem castigado,
Dos tormentos que passou;
Agora resignado,
Melhor vida procurou.

Do Marquez de Maricá,
Nunca elle se esquecia;
Pois que sempre repetia,
O proverbio que aqui está;—

« Se o ocio te causa tedio,
« O trabalho, é bom remedio

Todos estes Vagabundos,
Devem ler essas Licões;
Para não serem no Mundo,
Jogadores, e Ladrões!

Devem ouvir os conselhos,
Deste Marquez venerando!
Que no mundo seus escritos,
D'uns aos outros, vão passando!

Devem lêr com attenção,
Cumprirem exactamente;
Do Marquez, velho ancião,
O seo talento eloquente!

Devem seguir outra vida,
Deixarem de vadiar;
Que vos serve andar assim,
Errante a vagabundar?

Que vos serve esse dinheiro,
Roubado ao povo coitado!
N'um paiz hospitaleiro,
Que vos serve;—debochado?

Vai trabalhar, fas-te homem,
Que feliz serás no mundo;
Olha como teve nome:
Um infeliz vagabundo!

Porque, não sabes? eu vos digo,
Como elle assim ficou;
Teve vergonha e coragem,
E trabalhar procurou!

E vós vagabundos, todos,
Porque andais a pedir?
Que triste vida, que modos,
Que eu não me sei expandir!

O exemplo aqui está,
D'um menino vagabundo;
Com poucas luzes do mundo
A vós um conselho dá!

Segui, portanto, o trabalho,
Esta santa emanação;
Que Deus! vos dará o premio,
Na sua Ethérea Mançāo!

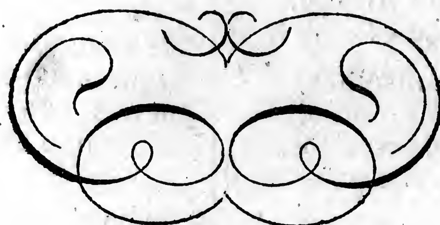
Lêde, pois a minha vida,
E vêde o quanto soffri;
Minh'alma estava perdida!
Bem cêdo me arrependi....

Todos estes vagabundos,
Devem comprar um folheto;
Por serdes meus companheiros,
Agora vos approveito.

O que dirá o leitor,
Desta minha versalhada?
Dirá, que um vagabundo,
P'ra elle, não vale nada!

Se estiver perto de mim,
Eu lhe direi sem pensar;
Duzentos reis póde dar,
Porque aqui é o

FIM.



TYPOGRAPHIA—DE A. T. DE CASTRO DIAS
154 Rua das Violas 154